

**JOÃO UBALDO RIBEIRO, A ESCOLA E A OFICINA PERMANENTE
DE LEITURA DO PROJETO JUR:
LITERATURA E GERAÇÃO DE LEITORES**

*Adeílato Manoel Pinho**

RESUMO: Das várias ferramentas de reflexão sobre a literatura, propus o termo Geração de Leitores. Tal termo refere-se aos interlocutores de literatura do presente. Mais do que leitores, toda capacidade de recepção à literatura pode ser incluída nesta proposta, até aqueles que não têm acesso ao código escrito. Isto porque a interlocução, como diz Silviano Santiago, se dá de maneira anfíbia, pelos meios de comunicação, pela adaptação, entrevistas etc. Outro elemento também anfíbio é o que Nestor Garcia Canclini chamou de cultura híbrida, na qual tanto a cultura como seus tópicos dispersores de identidade devem ser vistos para além das divisões, maniqueísmos e separações organizadas até agora. Sendo assim, gostaria, nesta proposta, de articular a ideia de Geração de Leitores à interlocução literatura e leitor, realizada na Oficina Permanente de Leitura do projeto JUR, no Colégio João Ubaldo Ribeiro. São referidas ainda ideias de Regina Zilberman, Maria da Glória Bordini, Roger Chartier e Douglas Kellner.

PALAVRAS-CHAVE: História da literatura; João Ubaldo Ribeiro; Leitor; Oficina de Leitura.

Introdução

Muito mais do que leitor formado, estima-se, agora, que todo indivíduo é interpellado sobre sua consciência do mundo. Em tempos atrás, não dominar conceitos de histó-

* Professor Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Doutor em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Puc-RS).

ria tornava o aluno simplesmente reprovado, hoje é fator patológico, para o qual se recomenda tratamento. Do mesmo instante em que se apresenta como sujeito portador de direitos, no mundo dos direitos, ele torna-se leitor. Assim como leitura, cidadania, política, crime, doença não estão mais fora do indivíduo. Pensar os fenômenos pedagógicos, da cidadania, da história fora (*outside*) da contingência da autopercepção torna-se, para o intelectual, uma resistência. Por outro lado, a expectativa de formar o leitor instrumentalizado da escola não trará de volta o indivíduo disciplinado dos tempos dos conceitos tradicionais de leitura. Aquele leitor integral perderá também a função rapidamente nos tempos líquidos.

No decorrer da minha pesquisa, venho propondo uma série de ferramentas teóricas para serem capazes de dar conta da produção da literatura na Bahia e no tempo contemporâneo: literatura de jornal, memória perfeita, esteio de sistema, consciência do tema, geração de leitores. O conceito de Geração de leitores parte da Teoria da Recepção e da importância dada ao leitor. As ideias críticas de Jauss, Iser e Costa Lima (1979), Chartier (1999), Zilberman e Lajolo (2003), Bordini (1993) são fundamentais para a construção da Recepção. Neste caso, diferentemente, geração é uma instância imprevista, mas presente em todo sistema cultural.

Estou convencido de que a Bahia precisa cada vez mais de um modelo de história da literatura que lhe dê conta. A afirmação parte de outra descoberta: os modelos de histórias da literatura nacionais satisfazem a outros sistemas, com muita razão. No entanto, não parecem estar preocupados com o fato de excluírem ou criarem desconfortos ao tratarem de sistemas culturais de longa duração e amadurecidos, coerentemente organizados em torno de seus acervos e seus defensores intransigentes. Assim, esta reflexão é capaz de mapear identidades, resistências, construções típicas de países e sociedades pós-coloniais.

Obviamente, tal desconforto da falta e da histórica da literatura metodologicamente inadequada, é causado por duas certezas excludentes: a história da literatura fala a verdade sobre o sistema que descreve e os leitores são legítimos quanto aos textos que elegem. O problema ocorre quando estas duas instituições do sistema literário preferem

acervos diferentes, então temos relações de força, tentativas de afirmação, de apagamento de uma das verdades acima. Intelectual e culturalmente a história da literatura tem muita importância, pois é sua função guardar as produções literárias mais insinuantes do sistema cultural para consultas posteriores, assim como narrar o lugar, o tempo e os motivos que viram nascer tais produções. Ela é biblioteca e memória da comunidade.

A geração de leitores é a própria face antropológica/humana do sistema na sua temporalidade (sempre há uma geração de leitores). Ao abandonar a perspectiva de influência no sistema literário, a reflexão volta-se para uma particularidade sua: a relação entre intelectual e leitura. Tais descobertas estão, de uma forma ou de outra, nas ideias críticas dos autores Néstor García Canclini (1997), Silviano Santiago (2004), Homi Bhabha (1998), José Verissimo (1963), Carlos Chiacchio (1939) e outros.

A Bahia, estado brasileiro portador de inúmeros fenômenos problemáticos por causa da ordem social peculiar e das etnias alocadas – portugueses, nativos, africanos e suas diversas hibridizações, como não deveria deixar de ser, preferiu a sua geração de leitores. O acervo por ela querido (cura) também tem prestígio nacional. Tal prestígio está relacionado à sua maturidade e à criação de algumas instituições intelectuais em Salvador, como o Colégio Jesuíta (século XVII) e a Faculdade de Medicina (Século XIX). Nunca esquecidos são os nomes de Gregório de Matos, Antônio Vieira, Castro Alves, Rui Barbosa. Por outro lado, no estado há uma inegável afetividade com o colonizador: os portugueses resolveram resistir à independência por estas terras, somente após enfrentamentos de mais de ano. Em 2 de julho de 1823. Por tal preferência, o Estado vai posar de vilão na maioria das narrativas historiográficas literárias (ressentida, grossa, feia, conservadora, coronelista, etc).

Quanto mais próximos e alinhados acervos guardados pela história da literatura e geração de leitores mais entrarão em acordo sobre seus papéis culturais. O compromisso dos estudiosos da literatura, no que diz respeito à interferência nas comunidades legitimadoras (sistemas culturais do mais simples para o mais complexo), deve passar pelo alinhamento com o fenômeno histórico da ‘geração de leitores’. Parto do princípio de que

um grupo subjetivo e, ao mesmo tempo, invariavelmente decisivo de leitores deve ser levado em consideração. Lembro que este grupo deve ser compreendido enquanto fenômeno influente no processo cultural. Se ele existe, suas características devem ser descritas para uma avaliação ou disseminação.

Se ele não existe, o vazio segue realizando o mesmo trabalho de formação de linguagens, reivindicações, manifestações de vontades e contrariedades. Se o sistema não se alinha às suas vontades, acaba produzindo conhecimentos marcados por angústias, crises, limitações, emissões pejorativas sobre o próprio universo de legitimação (é muito comum falarmos mal de nós mesmos!). Obviamente, não proponho o desaparecimento de gestos críticos, os quais melhorem ou aperfeiçoem o sistema cultural. Mas, que tal alinhamento beneficie a sociedade em geral, promova re-encaixes entre os aparelhos de estado, a geração de leitores e a cultura.

Os sujeitos responsáveis pela reflexão a respeito da geração de leitores, os intelectuais, historiadores e críticos, devem levar em conta a especificidade de cada geração. Afirmo que não se pode ocultar caracteres culturais enraizados, como conservadorismos, coronelismos, messianismos, negados pela modernização, mas bastante válidos em determinados sistemas sociais. Negar é formar ressentimentos e dificuldades de avaliação do sistema.

Estudiosos da literatura alinhados a sistemas externos

Por outro lado, o narrador da memória da comunidade, não levando em conta a geração de leitores, corre o risco de ter de dialogar, ou se alinhar, com sistemas externos, provocando uma invisibilidade para aquela comunidade com quem se relaciona em outras formas de existência prática ou intelectual: escola, economia, religião, etc. Tais alinhamentos, com a aparência confortável de universalismo, provocam sensações desconfortáveis de crise, deslocamento, fora do lugar, angústia. Ao fenômeno de desarticulação radical entre o intelectual, historiador da literatura e a geração de leitores, eu denomino de “fantasmagoria intelectual”.

Fantasmagoria intelectual ocorre quando o intelectual não é legitimado pela geração de leitores. O termo foi pensado na percepção do romance de Darci Ribeiro, *Maíra* (1989). Um dos personagens sai da aldeia e vai passar anos aculturando-se numa grande cidade brasileira. Ao retornar, não é mais o mesmo indivíduo iniciado e integrado à sua comunidade. Incapaz de convencer os seus irmãos de que é correto abandonar os antigos costumes e abraçar a civilização, é dado como morto pela tribo, uma vez tendo perdido os vínculos existenciais com a sua geração cultural (cf BOSI, 1995). O personagem assume a posição social de um morto-vivo, uma fantasmagoria: ele é e não é. Assim, ficam os intelectuais que não conseguem ou se recusam a conectar-se à sua geração de leitores. Duplamente delicada, a conexão significa saber quem é e saber reconhecer os leitores.

Estar do lado da comunidade é simplesmente dar-se conta de que muitos dos nossos projetos incluem sujeitos e recursos que não são consultados anteriormente para a demanda. Sempre estivemos voltados para a verdade *a priori* das nossas intenções que nunca pensamos em quanto são irônicos os nossos esforços. A ironia se estabelece em termos de fracasso e imposição. Estavam fadados ao fracasso simplesmente porque não são viáveis com os meios em que foram construídos: universais, cosmopolitas e puros. Por si só, o termo universal foi capaz de ocasionar violência de todas as partes. Não há dúvida de que podemos ter o nosso próprio sentido de cosmopolitismo, mas será aceito pela forma hegemônica? Advindos de um processo de colonização, a pureza cultural é uma quimera inalcançável. E são impositivos justamente porque partem mais da constatação do que sistemas externos afirmam que devemos ser, do que das vontades atendidas das comunidades envolvidas. Para os sistemas externos, devemos ser civilizados, organizados e cultos. Nas comunidades, devemos estar identificados, próximos e guiados pelo afeto.

É fato que alinhamentos e negociações entre culturas internas e sistemas externos sempre fazem bem para o melhoramento das relações entre os indivíduos, principalmente em tempos de globalização. O problema é que aqui, tais questões foram colocadas sempre em termos de hierarquia, hegemonia, civilização e barbárie, primitivo e civilizado,

mau e bom gosto. Ou seja, o outro sempre é alguém com formato desigual, desqualificado, perigoso, desprovido, etc. Tais ordens de pensamento não dizem respeito somente ao momento da chegada de sistemas externos como na colonização, mas agora, quando pensamos na geração de leitores e na escola. O outro clama por um lugar já concebido com menos reservas e qualidades negativas. De fato, falamos aqui de um aprendizado da identidade, de uma pedagogia do oprimido, como diria Paulo Freire.

Na expectativa de romper ordens de pensamento hegemônicas e desalinhasadas, o narrador da memória perfeita só pode se dirigir para a sua geração de leitores. Eles podem sim, modificar constantemente a fala do narrador para os seus expectadores do presente. A geração de leitores do futuro pode ser conectada pelos ficcionistas e poetas, no entanto, no momento da realização da interpelação em fluxo contínuo, eles todos só podem ser pensados no presente. É possível que um competente e criativo narrador da memória, um historiador da literatura, consciente de todos os mecanismos do sistema cultural, poderá tracionar para o seu argumento as gerações do passado e do futuro, criando a sua própria versão de memória perfeita, legitimada por todos aqueles impressionados com o tipo de trabalho de ter sido erguido em meio às interpelações. Principalmente a leitura, do que se lê e do como deve ser lido, cuidadosamente tenha confiado a outros competentes formadores de memória. A memória só pode ser acionada no coletivo, ampliando para longe o presente dessa criatividade. É possível que estejamos, neste momento (o que é espetacular!), sob a égide de um desses formidáveis guardadores da memória perfeita. Ao que parece, a geração de leitores não percebeu as faltas e omissões do acervo exposto da memória.

É preciso reconhecer a geração de leitores. Para tanto, um dos lugares de percepção é a sala de aula, na escola. Lá estão os indivíduos desta percepção crítica e como eles se comportam. Podemos buscar quais as suas manifestações de competência e aptidão para o literário. Também podemos saber como são capazes de articular a leitura da literatura ao mundo que partilham. E finalmente, se é possível emitir o fim qualquer para o que chamamos de leitor ou literatura.

A Oficina Permanente de Leitura do Projeto João Ubaldo Ribeiro de todas as baías e de todos os lugares

- Data: 20 de outubro de 2014.
- As Atividades foram realizadas na turma da 6ª. Série b. Turno matutino.
- Membros do Grupo de Pesquisa JUR que realizaram a atividade: Conceição, Adeitalo e Sariane.

A etapa de atividades consistia na produção de texto a partir das leituras de romance ou romances de João Ubaldo Ribeiro levadas a cabo pelos alunos no decorrer do ano. Todas as atividades eram guiadas pelo cronograma de atividades constantes do Diário de Leitura dos alunos. Foi informado aos alunos que os melhores textos fariam parte de um livro Coletânea de Textos dos Alunos da Escola sobre a obra de João Ubaldo Ribeiro.

A estratégia para o alcance da atividade de produção escrita foi a formação de grupos de alunos, para que os membros pudessem circular entre os grupos, evitando a dispersão dos estudantes e proporcionando maior eficiência nas instruções sobre como escrever o texto. Como a literatura exige, a orientação seria mais pessoal, possibilitando maior avaliação das reações de cada aluno frente ao texto que leu. Se leu todo o livro. Se compreendeu, ou somente realizou tarefa automaticamente.

Detectamos alunos que leram mais de um livro e outros que pouco leram ou compreenderam o livro que escolheram. Ao que parece, isso dependeu do nível de maturidade de cada um. Mesmo assim insistimos para que fizessem a atividade. Os argumentos de persuasão eram a oportunidade de fazer parte também de um livro. Poderiam falar, assim como o autor, do lugar onde moravam, das pessoas mais queridas. Um dos livros lidos foi *Dez bons conselhos de meu pai* (2011). Era sugerido a eles que falassem sobre os conselhos dos pais ou de pessoas queridas. Outro livro lido foi *O feitiço da ilha do pavão* (1997). Perguntamos se aquela era a ilha em que eles moravam ou outra. Se era, que outros elementos da sua ilha eles colocariam em um texto? E assim, eles foram realizando as ativi-

dades. Falamos também que o texto teria que ser interessante para que quem começasse a lê-lo tivesse vontade e curiosidade de ler até o fim. Eles pensaram em textos românticos, de aventura, de lições de sabedoria etc.

Percebemos que aspectos como a dispersão, a falta de intimidade com a atividade escrita e a atividade criativa de escrita dificultavam muito a produção e facilitavam a dispersão para conversas, saídas para o corredor e etc. Tais dificuldades devem ser compensadas com uma atenção muito grande dos condutores das atividades. É importante fazer leitura do que cada aluno comunica de suas próprias experiências: linguagem, agressividade, atenção aos aparelhos celulares, fones de ouvidos etc.

Obviamente, é um privilégio ter três indivíduos numa realização de atividade pedagógica. Esse deve ter sido um dos motivos do êxito da atividade. Mas é preciso que projetos como esses sigam em frente para que mais turmas tenham essa oportunidade, mesmo que o restante da comunidade escolar, professores e diretores, criem dificuldade para a sua realização. Muitas vezes, tais dificuldades nascem da incompreensão do projeto ou da pouca intimidade também com a atividade de leitura.

Ao final, a maioria da turma realizou a atividade escrita. Mesmo alunos sobre os quais colegas garantiam que nada fariam. Ou seja, o núcleo de leitura pode surpreender, nas suas etapas de produção, até mesmo aos alunos envolvidos, trazendo-os para o papel de escritores.

Críticas e sugestões

De fato, para um professor universitário, é muito bom retornar a esse tipo de atividade em escola de nível fundamental. Tanto porque é preciso não perder esse contato com a realidade fonte da formação dos professores no nível universitário, quanto também pela formação especializada a que nos submetemos por toda a nossa carreira; não devemos nos desprender desse paradigma escolar. Ali estão os interessados no tipo de conhecimento que refletimos e, muitas vezes, defendemos em grupos de estudos específicos e debates em conselhos, associações, agências nacionais e eventos.

Muitas vezes, dizemos que precisamos criticar ou salvar uma certa instituição chamada escola. Mas o que é mesmo esta escola? Em vista dela, que escola ela é e que tipo de crítica ou salvamento desejamos. Sem estarmos lá, como em projetos como o Núcleo Permanente de Leitura João Ubaldo Ribeiro, podemos estar nos referindo a uma ilusão. Por consequência, nos tornamos também essa ilusão. Obviamente, como uma ilusão muito bem construída e, por ventura, consolidada, ela resiste a ser devassada ou revelada. Assim há obstáculos e resistências a esse olhar diretamente no fenômeno, no acontecimento, como diz Paul Ricoeur (1983).

A fala geral do professor

Percebi que a fala impessoal do professor, quando se dirige para toda a turma, parece aspecto que dificulta a realização da atividade. Parece que essa estratégia de comunicação serve quando há silêncio suficiente, conforto e atenção voltada para quem está falando. Isto só se consegue com uma dose de intimidade. O professor é obrigado a aumentar a sua voz, trazendo um pouco de agressividade para a instrução. Lembremos que o trabalho com a literatura somente dá certo quando está aliado a certa produção de prazer.

Por isso, o trabalho com os grupos, quando se fala dirigindo-se a um grupo pequeno ou a um aluno individualmente, pode fazer com que a comunicação se realize. Dúvidas são tiradas. Aquela ilusão de que falei antes começa a ser compreendida.

Quem são os alunos

O trabalho em sala de aula faz com que nos interessemos pelos alunos. Qual a sua história? De onde vêm? A literatura é feita dessas e de outras perguntas. Quando fazemos uma atividade de literatura, somos obrigados a nos aproximar da humanidade de cada um, pelo fator de sensibilidade que a literatura obriga a ser produzido por nós e pelos leitores. Também vi que o Núcleo possibilita este tipo de comunicação na escola, nos fazendo pensar em modelos de formação de leitura (se existir outra etapa do projeto, pode-

ríamos envolver os pais dos alunos no projeto de leitura; os livros poderiam ir para casa; poderiam ser de fato consumidos pelos leitores; etc.). Do contrário, como saber e pensar a literatura sem percorrer esse caminho de confronto de conhecimento de nós mesmos e do outro?

Proposta de rompimento com sistemas externos e o olhar para a geração de leitores

A discussão sobre a geração de leitores articulada ao trabalho empírico em sala de aula em uma escola de modesta cidade do interior da Bahia pode gerar algumas questões norteadoras de um comportamento acadêmico e intelectual cotidiano.

Se a geração de leitores é algo incompetente e fraco, por que então não se dobra à superioridade e eficiência dos sistemas externos? É correto pensar que os sistemas externos são muito eficientes e suficientemente poderosos. Principalmente igreja, família, escola, são instituições insinuantes, cuja capacidade de influenciar os indivíduos, a percepção espiritual e ética, a ordem afetiva e as noções de conhecimento necessários para a chegada e permanência no seio da sociedade. É preciso informar que ela também tem seus concorrentes, além da geração de leitores. Estou me referindo ao que se determinou chamar de cultura da mídia. O crítico norte americano Douglas Kellner informa:

Contudo, em certo sentido, a cultura da mídia *é* a cultura dominante hoje em dia; substituiu as formas de cultura elevada como foco da atenção e de impacto para grande número de pessoas. Além disso, suas formas visuais e verbais estão suplantando as formas da cultura livresca, exigindo novos tipos de conhecimento para decodificá-las. Ademais, a cultura veiculada pela mídia transformou-se numa força dominante de socialização: suas imagens e celebridades substituem a família, a escola e a Igreja como árbitro de gosto, valor e pensamento, produzindo novos modelos de identificação e imagens vibrantes de estilo, moda e comportamento. (KELLNER, 2001, p. 27. Destaque pelo autor.).

Esta sim com força capaz de deslocar todos os fundamentos das instituições citadas acima. Primeiro, como a cultura da mídia não é jovem, haja vista que está em atuação

desde o século dezanove, tem amadurecimento e consolidação suficiente. Ademais, sofisticou-se com as inovações tecnológicas e as parcerias com as estruturas capitalistas *ad nauseam*.

Questões para outras reflexões podem apresentar-se: se o problema é de incompetência, por que os sistemas externos fortes e legítimos não conseguem encontrar outros caminhos para o alcance dos seus objetivos? Fica muito evidente que tais questões são dramáticas e mais delineadas em culturas pós-coloniais, organizadas de forma a valorizar a desigualdade. Sendo assim, para o bem da cultura, é função de projetos e de setores acadêmicos promoverem aproximação e reconciliação entre sistemas externos e a geração de leitores. A escola é um desses lugares de residência da geração de leitores, admitindo-se ou não a sua existência. Ele sempre está lá à espera da literatura. Tudo isso para a abertura e desenvolvimento do fenômeno cultural que nos acostumamos a chamar de literatura: talvez para o fim.

JOÃO UBALDO RIBEIRO, SCHOOLING AND PROJECT JUR'S PERMANENT READING WORKSHOP: LITERATURE AND READERS' EDUCATION

ABSTRACT: Among the many reflection tools on literature, I have proposed the term Readers' Education. This term refers to the contemporary interlocutors of literature. More than readers, all capacity to receive literature can be included in this proposal, even those who do not have access to the written code. This is because the dialogue, says Silviano Santiago, happens in an amphibious way, by the media, by adaptation, through interviews, etc. Another element which is also amphibious is what Néstor García Canclini called hybrid culture, in which both culture and its fluid identity issues should be seen beyond the divisions, separations, and manichisms organized so far. Therefore, I would like to propose to articulate the idea of readers' education with the literature-reader dialogue, held in the Permanent Reading Workshop in project JUR, at João Ubaldo Ribeiro School (Itaparica, Bahia, Brazil). To accomplish this task, I have resorted to ideas by Regina Zilberman, Maria da Glória Bordini, and Roger Chartier.

KEYWORDS: Literary history; João Ubaldo Ribeiro; Reader; Reading Workshop

Referências

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Trad. Myrian Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves, Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BORDINI, Maria da Glória e AGUIAR, Vera Teixeira. *Literatura – a formação do leitor: alternativas metodológicas*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão São Paulo: EDUSP, 1997. (Col. Ensaio Latino-americano, 1).

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa*. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

CHIACCHIO, Carlos. *Jornal de Ala*. Salvador: Organizações de Ala, 1939.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luís Costa (Org. e trad.). *A literatura e o leitor – textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAUSS, Hans Robert, ISER, Wolfgang, STIERLE, Karlheinz, GUMBRECHT, Hans Ulrich. *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Sel, coord. e trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

RIBEIRO, Darcy. *Maira: um romance dos índios e da Amazônia*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.

RIBEIRO, João Ubaldo. *Dez bons conselhos de meu pai*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

RIBEIRO, João Ubaldo. *O feitiço da ilha do pavão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

RICOEUR, Paul. *Metáfora viva*. Tradução por Joaquim Torres Costa e Antonio M. Magalhães. Porto: Rés, 1983. . (mencionado p. 6)

SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. 4. ed. Brasília: Editora da UNB, 1963. (Col. Biblioteca Básica Brasileira, 3).

*Recebido em 25/04/2016.
Aprovado em 22/05/2016.*